

SUPLEMENTO

ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE TEMAS ALTERNATIVOS

Centro popular de cultura da

Página 2

A antiga sede da UNE na praia do Flamengo foi um símbolo de resistência cultural

UNE

ENTREVISTA

Paulo Coelho fala de literatura e política

Página 6

MULHER

As prostitutas se organizam

Página 10

IRLANDA

Manobras britânicas adiam a paz

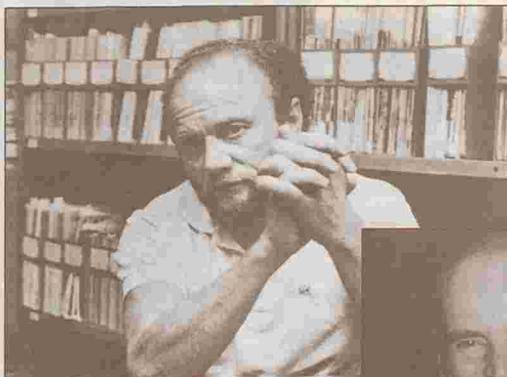
Página 14



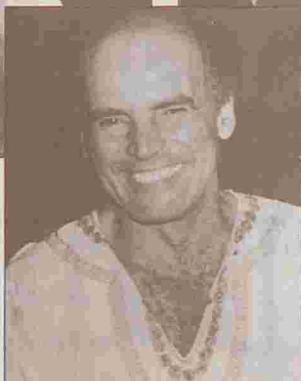
PENSANDO O PAÍS ATRAVÉS DA CULTURA



Glauber Rocha



Leon Hirzeman



João das Neves



Cacá Diegues

Os Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes, que buscavam a “arte popular revolucionária”, foram um marco nos anos 60. Se por um lado não conseguiram fazer da cultura o fermento transformador da sociedade, por outro ajudaram a construir uma face mais crítica e verdadeira do país

Juliana Iooty

O que têm em comum o poeta Ferreira Gullar, o cineasta Cacá Diegues, o músico Carlos Lyra, o autor teatral Oduvaldo Vianna Filho, o ator Gianfrancesco Guarnieri e o recém-eleito senador José Serra? Além da nacionalidade, de pertencerem à mesma faixa etária e do fato de serem personalidades de destaque no cenário nacional, os brasileiros citados acima são todos *ex-cepecistas*. O termo, para quem não viveu a década de 60, significa membro do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, o conhecido CPC da UNE.

Espécie de *carrefour* cultural da década de 60 no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, o CPC da UNE é uma referência de época no que diz respeito a cultura e política. Por ele passaram, além dessas personalidades, dezenas de outros nomes das artes, da política e, por que não dizer, da história recente do país, como os cineastas Glauber Rocha e Leon Hirzman e o sociólogo Herbert de Souza, entre outros.

Com o objetivo de resgatar o trajeto do CPC, e com ele parte da história de um período de ebulição social e cultural, a jornalista carioca Jalusa Barcellos passou sete anos pesquisando e recolhendo o depoimento de 32 participantes da entidade, além de editar e publicar pela editora Nova Fronteira o livro *CPC da UNE: uma história de paixão e consciência*. A empreitada começou a convite da antiga Fundação Nacional de Artes Cênicas (Fundacen) em agosto de 1987, foi interrompida com o Plano Collor e finalmente retomada e publicada em agosto desse ano.

Para Jalusa, o mais impressionante foi descobrir como a quase unanimidade dos ex-cepecistas conserva até hoje o vigor e a crença em um país melhor. "São todos meninos e meninas ainda hoje, independente da idade. Continuam se emocionando com os problemas do Brasil", exulta Jalusa, acrescentando que a combinação de



Eles não usam black-tie (aqui em versão cinematográfica) foi um marco na dramaturgia do país

emoção e razão (daí o subtítulo *uma história de paixão e consciência*) foi a alquimia que resultou em uma militância dedicada e de legado cultural tão prolífico para a história do país.

O que foi o CPC?— O período de fundação do CPC (leia-se os anos que antecederam o golpe militar de 1964) foi de intensas mudanças políticas. No cenário internacional, a revolução cubana, recém-vitoriosa, enfrentava a crise dos mísseis; o mundo ainda sofria com a bipolarização entre Leste e Oeste, entre socialismo e capitalismo. O Brasil, com a renúncia em 1961 do presidente eleito Jânio Quadros, vivia a promessa de reformas estruturais do governo João Goulart. A juventude intelectualizada (que freqüentava as universidades) via-se no meio de intenso debate sobre os destinos do mundo. A palavra de ordem era engajar-se na luta por uma sociedade mais justa. Acreditava-se que o Brasil tinha futuro promissor e que o papel de intelectuais e artistas era decisivo.

Foi em meio a este caldeirão político que um grupo de estudantes, em associação com a UNE, decidiu fundar o Centro Popular de Cultura. O núcleo fundador era composto pelo dramaturgo Oduvaldo Vianna Filho, pelo cineasta Leon Hirzman e pelo sociólogo Carlos Estevam Martins. Seu anteprojeto de manifesto data de março de 1962 no então estado da Guanabara,

reiterado em um manifesto definitivo divulgado em agosto do mesmo ano ao qual aderiram artistas e intelectuais como Ferreira Gullar, Francisco de Assis, Armando Costa e João das Neves.

O objetivo era criar e divulgar uma "arte popular revolucionária", e — conforme dita seu documento fundador, o Relatório do CPC da UNE — impulsionar a "tomada de consciência por parte de artistas e intelectuais" em um projeto capaz de levar a arte e a cultura ao povo.

O movimento que desembocou na fundação do CPC poderia ser definido como uma maneira de tratar a cultura popular como forma de consciência política, e que, como tal, deveria ser compreendida "à luz de suas relações com a base material". Os cepecistas acreditavam que a arte era revolucionária, capaz de fazer o homem perceber o mundo em que vivia e, assim, romper com os limites opressores, sejam políticos ou de estética e linguagem artísticas. Os cepecistas eram membros da militância da esquerda, notadamente do Partido Comunista e da Ação Popular. Para eles a verdadeira arte popular era política e rompia com a "cultura alienada das classes dominantes", onde se incluíam o cinema *hollywoodiano* e o teatro das companhias tradicionais.

Por um lado, em nome destes ideais, muitos equívocos foram come-

tidos, entre eles o de negar validade a qualquer manifestação artística que não se enquadrasse dentro desta concepção. O entusiasmo dos jovens era levado a um ponto que poderia se aproximar do patrulhamento ideológico. Mas por outro lado eles fizeram, sem dúvida, avançar a consciência e a reflexão crítica sobre o país.

Papel do teatro – O teatro foi encarado pelos jovens como fórmula ideal de levar a arte ao povo, pela sua “comprovada acessibilidade à grande massa”. A atividade cultural era uma forma de “atuação com os grupos sociais”, definida como a transformação dos espetáculos em debates populares que tinham como palco caminhões, escadarias e portas de fábricas. Levavam-se ao povo as teses nacionalistas formuladas durante os congressos da UNE, em forma de autos escritos pelo seminário de dramaturgia da entidade. Os jovens diziam que o povo “mobilizava suas vanguardas, criando seu núcleo, aprendendo e ensinando a tornar social a ação, a tornar concretos seus conhecimentos do mundo pela prática transformadora”.

Para tal, havia o Grupo de Repertório, encarregado da produção das peças e de escrever argumentos, e o Grupo de Espetáculos Populares, responsável pelas encenações nas entidades de massa (sindicatos, favelas, faculdades, praças públicas e clubes de bairro). “Nossa arte só irá onde o povo consiga acompanhá-la, entendê-la, e servir-se dela”, afirmavam.

O teatro popular não surgiu com o CPC da UNE. Antes da fundação dele, já no final da década de 50, o Teatro de Arena encenava peças de fundo social, como *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, e *Chapetuba Futebol Clube*, de Oduvaldo Viana Filho, este, aliás, um mito do teatro popular e da própria história do CPC. Foi Oduvaldo Vianna, ou o “Vianinha”, como era conhecido, um dos fundadores e idealizadores dos projetos cepecistas. Em 1960, buscando o “teatro para o proletariado”, como se consagrou o estilo teatral proposto pelo CPC, Vianinha se desligou do Teatro de Arena sob a alegação da atuação do grupo restringir-se às salas de teatro. Uniu-se então ao grupo teatral da Fa-

culdade de Arquitetura do Rio e encenou sua peça *A mais-valia vai acabar, seu Edgar*, dirigida por Francisco de Assis e com música de Carlos Lyra, outro cepecista que mais tarde se destacaria com a bossa-nova.

A iniciativa de Vianinha foi uma das primeiras tentativas de aglutinar estudantes, artistas e intelectuais em um espetáculo popular. Entre as principais peças teatrais encenadas pelo CPC estão a montagem de *A vez da recusa*, de Carlos Estevam Martins, em julho de 1961, com direção de Francisco de Assis. O *Auto dos 99%*, de Oduvaldo Viana Filho – que se referia à necessidade de reformulação da uni-

Os estudantes romperam radicalmente com as idéias e a estética alienada que imperavam nas artes

versidade, à qual “99%” dos brasileiros não tinham acesso – foi dirigida por Armando Costa e encenada nas faculdades da Guanabara, em concentrações populares e praças públicas, assim como *O Auto do Tutu está no Fim* e o *Auto dos Cassetetes*.

De caráter mambembe, o teatro cepecista não tinha recursos para manter uma equipe fixa, além de não possuir teatro próprio. Mas, justamente por isso, aproximava-se ainda mais da arte popular. Pretendia-se um teatro livre das estilizações e do profissionalismo com tom “europeizante do teatro burguês”.

UNE Volante – Em 1961, um ano antes da fundação do CPC, a União dos Estudantes criou o grupo UNE

Volante, unidade móvel que percorreria diversos estados para discutir a unidade do movimento e tentar criar uma corrente nacional de cultura popular. Em 1962, já depois da criação do CPC e, através da unidade volante, a UNE estimulou a criação de outros centros populares de cultura como o da Bahia, ao qual se uniu Gláuber Rocha.

Arte e financiamento – O CPC também fez incursões na literatura, cinema e música. Suas atividades no mercado editorial foram iniciadas com o lançamento do cordel: *João Boa Morte, cabra marcado para morrer*. Com tiragem de 10 mil exemplares, o cordel foi escrito depois que, em uma unidade volante, os membros do CPC presenciaram o assassinato de um líder rural no Nordeste. Foram também lançadas coletâneas de poesias sob o nome de *Cadernos do Povo Brasileiro*, com textos de Affonso Romano de Sant’Anna, Ferreira Gullar, Moacyr Félix e Vinicius de Moraes.

Em julho de 1962, o CPC lançou o disco *O Povo Canta*, um compacto de 33 1/2 rotações com as faixas *Canção do Subdesenvolvido*, de Carlos Lyra e Francisco de Assis, *Grileiro Ven Pedra Vai*, de Rafael de Carvalho, e *Canção do Trilhãozinho*, também de Carlos Lyra e Francisco de Assis. No cinema, o CPC realizou o longa *Cinco Vezes Favela*, composto de cinco episódios com diferentes versões sobre o tema dirigidos entre outros pelos futuros papas do Cinema Novo Leon Hirzman, com o episódio *A Pedreira de São Diogo*, e Joaquim Pedro, com *Couro de Gato*. O filme foi realizado com a primeira verba conseguida pelo CPC e o restante foi coberto por cotas distribuídas entre atores, diretores e membros da equipe.

O CPC sobrevivia com empréstimos da UNE e mais o dinheiro arrecadado com venda da produção cultural da entidade, como shows de teatro e música, livros e revistas.

O fim do sonho – Apesar de sua vida curta, o CPC deixou sementes para a cultura nacional. Dias depois do golpe militar, no dia 31 de março de 1964, a sede da UNE seria destruída num incêndio criminoso, e todos os

DEPOIMENTOS*

"Vejo sempre como um parêntese da vida brasileira. Um parêntese que só podia existir ali, naquele período, naquele momento. Foi uma etapa, que não me traz nenhuma frustração."

Carlos Estevam Martins, sociólogo



"É claro que não atingimos o nosso sonho, que era fazer a revolução, mas conseguimos, pelo menos, fazer com que a realidade brasileira merecesse mais atenção dos nossos artistas. Se há uma coisa que o CPC conseguiu foi isso: estimular o intelectual brasileiro, de forma geral, a pensar sobre a realidade do seu próprio país."

Ferreira Gullar, poeta e jornalista

"Acho difícil, e mesmo extemporânea, uma repetição do CPC. No entanto, a história não pira. Os problemas que motivaram a criação do CPC estão longe de estar resolvidos. Eles continuam, estão aí. Não duvido que algo seja proposto no mesmo sentido. Mas jamais seria uma repetição."

Gianfrancesco Guarnieri, diretor e ator



"Foi um grande caso de amor que deu certo. Aquele grupo de intelectuais, de artistas, naquele momento político, queria ir de encontro à sociedade, queria sair do elitismo, queria encontrar uma forma popular de comunicação. Havia uma inspiração democrática nesse movimento."

Herbert de Souza, sociólogo, coordenador da campanha Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida



"Você já reparou que a primeira coisa que toda ditadura faz é acabar com a filosofia e a sociologia? Ou então acaba com os movimentos como o do CPC da UNE, que queria levar cultura ao povo, fazer com que o povo tivesse sentimentos já com base, com consciência. O CPC, com todos os seus equívocos, foi um movimento que tentou preencher esse vazio e desempenhou um papel na cultura brasileira."

Moacyr Félix, poeta e jornalista

*Depoimentos transcritos do livro *CPC da UNE: uma história de Paixão e Consciência*

CPCs foram fechados. Além de destruir o espaço físico da entidade, a ditadura levou ao exílio, à tortura e à prisão dezenas de estudantes e intelectuais. Entretanto, alguns de seus membros conseguiram buscar novas formas de atuação no pós-64.

O cinema, com Gláuber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade, Nelson Pereira dos Santos e Leon Hirzman, sobreviveu com o Cinema Novo. Oduvaldo Viana Filho, Teresa Aragão, Pichin Plá, João das Neves e Ferreira Gullar, entre outros, formaram o Teatro Opinião, outro marco da história cultural brasileira recente.

Mas, ao que parece, o CPC da UNE não deixou só estas sementes.

Os ideais cepecistas, embora com algumas diferenças ideológicas fundamentais, parecem ter sido retomados pela União Municipal dos Estudantes de São Paulo, a Umes, que fundou (ou reeditou) um Centro Popular de Cultura. Foi o CPC da Umes, onde dezenas de secundaristas levaram ao palco do teatro Oduvaldo Viana Filho o musical *Querem Bater minha Carteira*, em cartaz em setembro de 1994, com direção de outro "filho do CPC", Denoy de Oliveira. A temática relembra os contornos do pensamento cepecista: pretende ser "um libelo contra a cultura de massa estrangeira e uma defesa do controle da carteira de estudantes pelas entidades representativas", perfilando-se como uma retomada do ideal de arte feita sobre temas nacionais e libertários.

Fica então a pergunta: o CPC teria condições de ser reeditado? Não estaria o projeto datado, determinado pelo momento político singular que o país vivia e pela efervescência cultural que experimentavam os estudantes universitários da época? Na tentativa de responder a esta pergunta, Jalusa Barcellos recolheu o depoimento do líder estudantil Lindbergh Farias, ex-presidente da UNE na gestão 1992/93, coordenador das passeatas dos "cara-pintadas" à época do *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, em 1992. Lindbergh acredita que a inquietação com os problemas nacionais foi o principal fator de aglutinação dos cepecistas e esta poderia perfeitamente ser retomada.

Ao ser indagado se o sonho do CPC acabou, Lindbergh é categórico: "Claro que não. Por que teria acabado? A vida do homem já melhorou?" ■

Destino não é determinismo

O escritor de temas espirituais revela seu lado político e a preocupação com a transformação do ser humano e de seu relacionamento com o mundo. Tendo a ética como base, Paulo Coelho fala também da construção literária e do significado do sucesso

Elias Fajardo

Paolo Coelho é hoje um dos autores mais vendidos no Brasil e no exterior. Seu livro *O alquimista* ficou quatro anos ininterruptos na lista dos mais vendidos da *Folha de S. Paulo*, o que mereceu uma menção no *Guinness de Recordes*. Foi o brasileiro com maior tiragem inicial nos Estados Unidos e seu último livro, *Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei*, vendeu rapidamente 180 mil exemplares no Brasil. Isto sem falar no fato de ter fechado contrato para publicação de suas obras em 17 países na última feira de livros de Frankfurt, Alemanha, ocorrida em setembro.

Alguns o acusam de sucesso fácil em cima de chavões espirituais, mas, na realidade, Paulo — nascido no Rio de Janeiro em 1947 — sempre foi um batalhador. Aos 23 anos, depois de curto período como diretor e autor teatral, largou tudo e foi correr mundo, estudando magia. Em 1970, editou a revista *2001*, que retratava a ideologia hippie.

Na música, compôs muitos dos sucessos de Raul Seixas (*Eu nasci há dez mil anos atrás*, *Gita*, *Sociedade alternativa*), de Elis Regina (*Me deixas louca*) e organizou sua própria editora de músicas.

Em 1986, percorreu a pé o caminho de Santiago, na Espanha, e, usando sua vivência pessoal e a crença de que o ser humano carrega dentro de si imenso potencial inexplorado,

escreveu *O diário de um mago*. Ganhou muito dinheiro, mas conserva uma simplicidade poucas vezes vista nas pessoas bafejadas pelo sucesso. Em seu apartamento em Copacabana, antes de sair para mais uma peregrinação pelo mundo, Paulo Coelho recebeu **cadernos do terceiro mundo** para uma conversa franca.

A primeira questão é como ele administra o sucesso, como faz para que não lhe suba à cabeça. Segundo Paulo, o fato de ser bem-sucedido se divide em duas vertentes: “A parte administrativa, da qual é preciso cuidar, e a interior, ou seja, como administrar intimamente o êxito.”

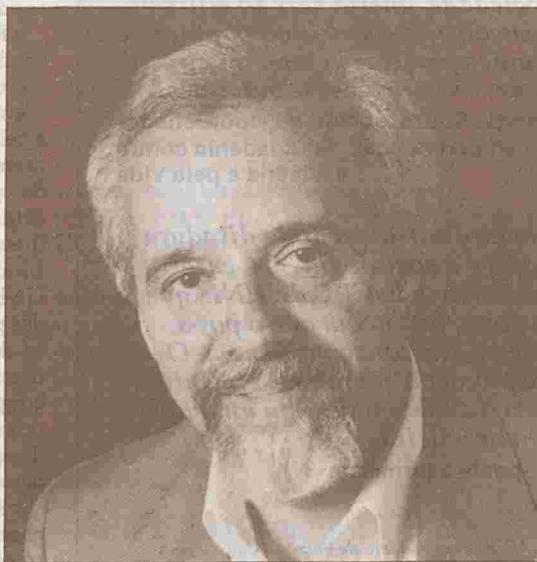
Para a parte administrativa, conta com a agente Mônica Antunes, que co-

meçou com ele. Os dois aprenderam juntos os truques do mercado internacional. “Resolvi fazer minha primeira investida internacional na Espanha. Não só a gente não conhecia ninguém como ninguém conhecia a gente. Então, foi difícil, partindo do zero. Ela saiu batendo nas portas, exatamente como fiz no Brasil. Nos primeiros contratos, não fomos muito bem.”

Depois que a literatura de Paulo começou a acontecer nos Estados Unidos, apareceram propostas tentadoras, mas ele preferiu manter sua agente, assim como mantém o apartamento de dois quartos onde vive com a mulher, a artista plástica Cristina Oiticica, em Copacabana.

Não se sente tentado em ir morar numa cobertura e nem a exibir riqueza, até porque a vida lhe ensinou, de forma dura, que este lado do sucesso é pura ilusão. Paulo Coelho confessa: “Procuro usar o mínimo de sabedoria que adquiri desde a época em que fazia música, quando, na realidade, eu não era ninguém mas achava que eu era o máximo.”

Ele prossegue: “Nessa época cometi o grande equívoco de trocar todos os amigos, achar que tinha ‘subido dentro da escala social’ e o resultado é que fiquei sem os velhos amigos e os novos desapareceram. Então, prometi a mim mesmo que, se tornasse a acontecer, a primeira coisa que iria conservar eram os amigos. A amizade é o maior bem que a gente pode ter. Então, graças a Deus, até o momento, isso tem acontecido.”



Paulo Coelho: preocupado com a política, entendida como a relação do ser humano com o mundo

Paulo Coelho foi bastante atacado, acusado de alienado, quando começou a veicular basicamente temas espirituais. Mas, pertencendo a uma geração que viveu de perto os movimentos contestatórios de 1968, ele considera que até hoje a política – no sentido da preocupação das relações do ser humano com o mundo – está presente na sua trajetória.

“Vejo meu trabalho como uma atitude política não-conventional, ou seja, uma proposta de uma espécie de tecelagem para a transformação do ser humano. Fala-se muito de Nova Era, que quase ninguém sabe bem o que é, mas, na verdade, isso envolve movimento de massa, ideologia, um novo tipo de comportamento.” Para o autor de *Brida*, qualquer trabalho feito nessa área é político, mesmo que se declare apolítico: “Tudo depende da intenção. No meu caso, procuro vê-lo como algo que está acontecendo e que vai ditar, a longo prazo, uma nova visão da própria política. Não sou eu quem vai fazer isto, mas todos os que estão aí batalhando.”

Neste ponto, é interessante questionar que contribuições esta volta para a espiritualidade pode trazer para o avanço do ser humano como indivíduo e ser coletivo e de que forma Paulo Coelho se situa dentro dela.

“O primeiro aspecto é o sentido ético. É preciso redescobrir o outro. Quando se começa a trilhar o caminho da espiritualidade, a tendência é cometer algumas irregularidades. Mas chega um momento em que a gente pensa: se existe uma justiça divina, ela vai me cobrar as minhas mentiras, os meus passos em falso.”

Neste caso, quem estiver tendo a mentira e a ambição como armas vai ser destruído. E quem estiver colocando verdade interior em sua atividade, vai durar. “Mas vai durar além da morte também”, diz Paulo, acrescentando: “Cada um vai ter que prestar contas e a ética obriga a prestar atenção no próximo. A atitude política envolve a participação do próximo. Ninguém é uma ilha e estamos, todo o tempo, nos transformando juntos.”

O que Paulo Coelho defende com muita veemência em sua literatura é que, para haver real modificação, é preciso partir quase sempre da trans-



“Ninguém é uma ilha e estamos, todo o tempo, nos transformando juntos”

formação individual para a modificação da sociedade. E não da transformação social para a do indivíduo, como defendiam algumas correntes de pensamento.

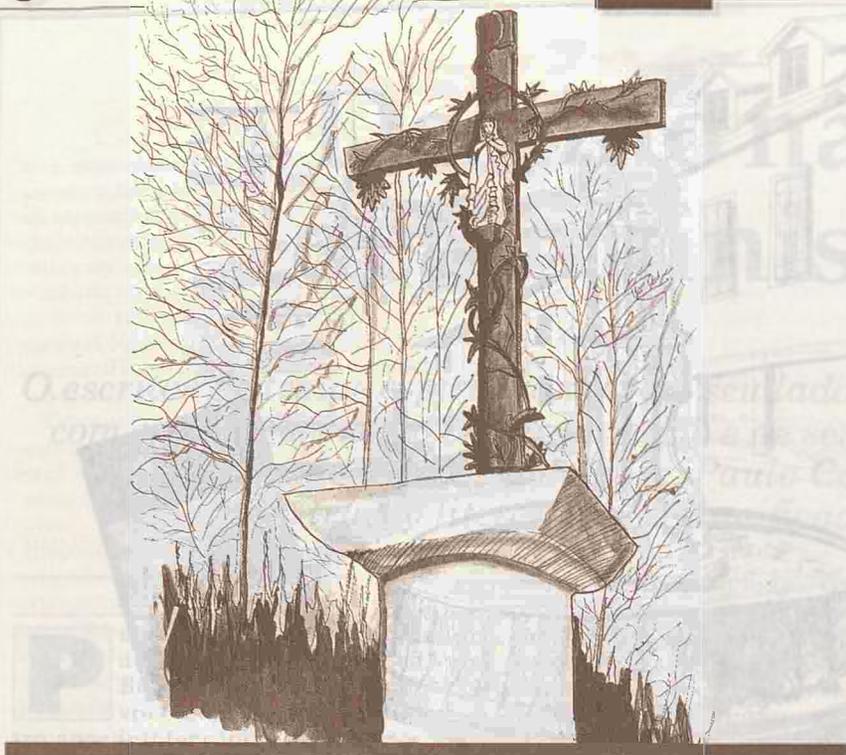
O autor trabalha com o pressuposto de que existe uma semente adormecida dentro do ser humano e que, para despertá-la, é preciso saber usar, com eficiência e inteligência, tanto os esquemas do *marketing* cultural como o apelo ao amor de Deus.

“A semente está em cada um. Ninguém lê meus livros e diz: ‘Este cara descobriu algo novo’. A maioria pensa: ‘Caramba, já pensei nisso’. Agora, quando se vive em sociedade, é preciso ter o que Jesus Cristo disse muito bem: a pureza das pombas e a argúcia das serpentes.”

Nesse sentido, a primeira tentação do autor era lançar um livro a cada ano. Mas ele só o faz a cada dois anos. “Primeiro porque só tenho coisas a dizer a cada dois anos, no mínimo, e, segundo, porque vejo isso como um trabalho a longo prazo.”

O fenômeno do autoconhecimento e da colocação da espiritualidade no plano superior é algo mundial e inter-relacionado ou existem aspectos específicos no Brasil diferentes dos outros países? Paulo responde: “As duas coisas. É uma onda só com aspectos específicos. Há fenômenos que acontecem simultaneamente no mundo inteiro mas com características regionais. Por exemplo, a figura da pirâmide (e todos os seus poderes) é algo específico das culturas egípcia e mexicana, mas, por outro lado, ela é um símbolo universal.”

No momento, o autor de *O Alquimista* está preocupado em não se repetir. Ele acompanhou atentamente a literatura de seus companheiros de geração (Fernando Gabeira, Alfredo Sirkis) e viu o perigo que representa para um autor ter uma grande tiragem e depois continuar usando a mesma fórmula. Para tentar não cair em tal dilema, ele procura vertentes novas a cada livro. *O diário de um mago* era uma narrativa individual de alguém em busca de sua espada, seu objeto de



“A luta maior é evitar a intolerância, para impedir que se caia num clima de guerra religiosa”

poder. *O alquimista* mostrava uma parábola sobre o destino e o poder. *Brida* tratava de uma mulher em busca de iniciação nos mistérios da magia. *As Valquírias* trata do mito feminino. *Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei* é a história de amor entre um homem e uma mulher, tendo como pano de fundo o encontro da face feminina de Deus. E qual será o próximo passo?

“É algo muito intuitivo, não saberia dizer. Nunca planejei, as coisas vieram...”

Na hora de escrever, a maior preocupação de Paulo Coelho seria com a forma ou com o conteúdo? “A gestação do livro demora muito, mas o parto é rápido. Passo um ano ou dois pensando, mas quando sento tenho que começar e acabar. Mas durante aquele tempo todo, a semente vem crescendo dia e noite sem eu saber como. Eu não fico só pensando: tenho de estar atento. A preocupação com o mito e a realidade da Grande Mãe me arrebatou há dois anos atrás em Lourdes, Portugal, onde eu estava com a minha mulher.

Demorei, mas depois escrevi *Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei*, originalmente com 440 páginas. Depois, cortei para 230, deixando só o essencial. Para não florescer muito, deixar o leitor participar, ajudar com a imaginação dele.”

Paulo confessa que realiza exercícios de síntese fazendo uma coluna para um jornal paulista, onde só pode escrever 11 linhas. Em cinco minutos ele compõe 30 linhas e depois passa meia hora reduzindo para 11. “Você vai aprendendo a simplificar, a ser objetivo. Esta é uma vivência muito parecida com a de fazer música. Eu tinha uma proposta de letra, e devia colocar em 20 linhas todo um pensamento que ia se repetir uma porção de vezes, como uma letra se repete. E ela não podia ser chata nem enjoativa. Me preocupo muito com a forma, mas não com filigranas. Quero atingir a maior simplicidade e objetividade possíveis.”

Os consumidores mais fiéis e entusiasmados do escritor Coelho são os adolescentes. Cristina Oiticica, sua

mulher, lembra que, num único dia, 12 garotas vieram procurá-lo em casa. Ele afirma que seu público-alvo não são os jovens, mas também não se furta a trocar idéias com eles e com todos os que o procuram a qualquer momento. Ele afirma que o maravilhoso, o mistério e a magia são o próprio cotidiano.

“É evidente que eu, por causa da minha fé em Deus, vejo outros significados em tudo. Mas não quer dizer que a pessoa tenha que acreditar, no sentido de ser crente. Para mim, o fundamentalismo é o grande perigo. O fanatismo está cada vez mais se manifestando. Infelizmente, sou uma voz pequena no deserto, mas de repente descobro que não estou tão sozinho assim. A luta maior é evitar a intolerância, para impedir que se caia num clima de guerra religiosa. Por isso, o sagrado tem de ser cotidiano. A atitude esquizofrênica de entrar numa igreja, rezar e depois sair e agir de outra maneira é equivocada. Cada momento que vivemos é um instante de louvor, de oração, de adoração. É só disciplinar um pouco esse comportamento. Aí começará a ver com mais facilidade como isso é possível 24 horas por dia.”

Foi assim que, ao trilhar o caminho de Santiago, Paulo descobriu de repente que ali estavam todos os segredos que durante sete anos ele procurou aprender nas sociedades secretas. “Na medida em que a consciência cresce, percebe-se que a idéia do destino – como determinismo – é muito equivocada. *O destino* é muito mais um eco: você grita e ele devolve. Ele reflete suas ações, traça um limite para seus atos, mas nunca determina as suas ações. Depende do que se grita no despenhadeiro.”

Nesse ponto, Paulo Coelho interrompe a entrevista e sorri. Ele se lembra da revista **cadernos do terceiro mundo** como um exemplo de que é preciso gritar sempre, pois, como diz o *I Ching*, “a perseverança é favorável”. E finaliza: “Resistir significa também estar transformando nossa concepção, porque se mantivéssemos a mesma perspectiva política sempre, já tínhamos acabado. Mudamos e nossos veículos mudaram... Nossa geração vai ensinar até a velhice. Daqui a pouco a gente vai estar falando, como velhos, coisas muito novas, entendeu?” ■

Entre a boneca e as fraldas

Silvia Agosto

O *pombero* é um duende maléfico, que surpreende as meninas durante a sesta e as deixa grávidas. É o culpado pelo fato de 25% das jovens na Argentina serem mães antes de chegar aos 18 anos.

Por incrível que possa parecer, essa é a explicação que dão muitas adolescentes desse país para explicar sua gravidez, que não vinculam, por ignorância, ao fato de levarem uma vida sexual ativa.

Segundo dados do "Programa de prevenção do abandono e proteção da gravidez de alto risco", da Secretaria do Menor e da Família, anualmente nascem cem mil bebês cujas mães não chegam a 18 anos. O índice de maternidade entre adolescentes aumenta de forma considerável no interior do país, onde alcança 70%.

A socióloga Silvia Kremenichusky, que tem trabalhado com adolescentes camponesas, garante que muitas jovens desvinculam o ato sexual da concepção. "Nas pesquisas realizadas na província de Corrientes (uma das regiões mais pobres do país) se observa como as pessoas explicam o mundo e também a procriação a partir da magia e dos relatos míticos", assinalou. "Muitas meninas, com atividade sexual regular, diziam que o *pombero* as visitou enquanto dormiam e ele é o responsável por sua gravidez", acrescentou a socióloga.

Jovens não compram camisinha - O acesso à rede pública de saúde insuficiente ou inexistente e o analfabetismo provocam essas situações nas zonas rurais, onde muitos nascimentos, por outro lado, ocorrem fora dos estabelecimentos de saúde. Nos centros urbanos o problema das mães adolescentes é menor, mas também está relacionado a questões sociais e culturais.

Monica Girolami, que trabalha na Grande Buenos Aires com adolescentes de poucos recursos, está convencida de que "a maioria dos jovens conhe-

A cada ano, cem mil adolescentes argentinas se tornam mães, num fenômeno atribuído à falta de recursos para comprar preservativos e à total desinformação



Cem mil jovens dão à luz antes dos 18 anos na Argentina

ce os métodos anticoncepcionais, mas não os utiliza". Na sua avaliação, "diante da crise econômica, os rapazes preferem usar seu dinheiro para satisfazer outras necessidades. Além disso, os métodos anticoncepcionais, para o nível de renda dessas moças, saem muito caros".

Este é o caso de Natália, de 17 anos, que ficou grávida de seu namorado porque "ele comprava camisinha só quando sobrava dinheiro... isso quando não preferia gastá-lo comprando cigarros".

Os pais também são menores - Florencia Altamirano, assistente social do hospital Argerich, da cidade de Buenos Aires, constatou que a maior parte das adolescentes engravidada de seus namorados, em geral também menores de idade.

"Existe um mito generalizado de que a maternidade nas menores é produto da violência física. A realidade indica, porém, que os casos de gravidez por violação são muito isolados", assinalou Altamirano.

A assistente social, que trabalha com populações urbanas de baixa renda, explica que essas mães dependem economicamente de seu companheiro ou dos pais e irmãos. "Quando os pais da criança ou a família rejeitam o bebê que vai nascer, a adolescente se encontra em uma situação de total desamparo."

O Conselho Nacional do Menor e da Família e diversas instituições têm programas de ajuda às jovens adolescentes abandonadas nessas circunstâncias. A possibilidade de dar à criança em adoção é outro aspecto que os organismos governamentais estudam, junto com os centros de atendimento às adolescentes, os hospitais e os lares para mães solteiras.

O problema da gravidez antes dos 18 anos existe também nas classes média e alta, mas nesses casos pode ser interrompida por questões sociais, embora o aborto seja ilegal.

Elsa, proveniente de um lar de classe média alta, teve que enfrentar a maternidade sozinha porque a família do namorado se opôs ao casamento, "alegando que éramos muito jovens. Nossos pais nos aconselharam a abortar, mas eu não quis. O pai de minha filha pensava que construir um lar aos 18 anos era uma responsabilidade muito grande, mas eu estou orgulhosa de minha decisão", diz Elsa.

A Associação de Planejamento Familiar revela que na Argentina se realizam mil abortos diários e que uma mulher morre por dia por falta de condições mínimas de higiene ou devido aos métodos rudimentares utilizados nessas intervenções. "A principal causa de morte das adolescentes é o aborto", afirma o médico Bernardo Chomski, chefe do serviço neonatal do hospital Argerich. ■

A profissão mais antiga...

As prostitutas se organizam no México para conseguir legalizar seu trabalho, exigindo proteção contra a violência policial, a discriminação e os riscos para a saúde que implica essa atividade

Alicia Yolanda Reves*

Em uma noite qualquer na capital mexicana uma dezena de prostitutas oferecem seus serviços na rua Villalongin, que desemboca em Paseo de la Reforma, onde estão os melhores hotéis, casas noturnas e cinemas. De repente, aparece um camburão e dele descem dez policiais, que aos empurrões sobem as moças no veículo, lhes gritam obscenidades e as apalpm sem o menor respeito. É como se o fato de exercerem a profissão mais antiga do mundo as transformasse em objeto de qualquer um pode comprar.

Poucos minutos depois, a responsável pelo grupo desce de um táxi, tenta dialogar com o chefe dos policiais, que finalmente aceita cerca de cem dólares para liberar as mulheres.

No entanto, nem sempre as prostitutas do sexo têm essa sorte, segundo explica Claudia Colimoro, que deixou de exercer a profissão há três anos, depois de ver uma companheira morrer de Aids. Desde então, tomou a decisão de organizar-se para proteger todos que ganham a vida nas ruas do país.



As prostitutas mexicanas estão lutando para legalizar sua atividade

O trabalho de Claudia vai além, pois atualmente dedica parte de seu tempo a pressionar dirigentes políticos e funcionários do governo para legalizar a prostituição no México. "Graças ao fato de que algumas autoridades do governo federal compreenderam que a prostituição sempre existiu e que não vão fazê-la desaparecer com um decreto, conseguimos iniciar conversações no mais alto nível para que nosso ofício seja legalizado", explica.

Ela garante que a legalização seria benéfica inclusive para as finanças do país, "pois com os impostos que pagaríamos se poderíamos construir escolas, hospitais e todas as obras de caráter social que exige a nossa sociedade".

As trabalhadoras sexuais – como elas reivindicam serem chamadas, já que consideram o termo "prostituta" uma ofensa – lutam por mudanças na atual legislação trabalhista, "para que possamos ter direito a programas de saúde, moradia e educação, como qualquer cidadão mexicano".

Elas querem pagar impostos – Cálculos realizados por pesquisadores universitários mostram que o pagamento de impostos pelas trabalhadoras sexuais poderia ser substancial, considerando uma taxa de 15% sobre uma receita de 100 a 200 dólares por noite. Segundo os especialistas, algu-

mas ganham menos, como as que trabalham com uma clientela humilde, mas em compensação existem as moças que faturam mais em boites, salões de massagem ("termas") e como *call-girls*, marcando encontros por telefone.

A Constituição mexicana não diz nada a respeito da prostituição, mas existe um "Regulamento de Polícia e Bom Governo", mediante o qual as prostitutas podem ser acusadas de se vestir escandalosamente ou de induzir outros ao "comércio da carne", o que é passível de uma punição de até 36 horas de detenção.

Para evitar isso, as trabalhadoras sexuais preferem pagar uma multa ou dar uma "gorjeta" à polícia ou funcionários de baixo escalão para que as deixem exercer sua atividade em paz.

No caso dos travestis, estes são acusados de enganar o cliente porque usam roupas de mulheres. Segundo dados fornecidos pelo grupo Mulheres pela Saúde e em Luta contra a Aids (Musa), dirigido por Claudia Climoro, de uma população total de 86 milhões de habitantes, o México possui aproximadamente 200 mil trabalhadoras do sexo.

Mães de família – Apesar disso, enfatiza Claudia, o governo não reconhece a prostituição, "o que permite que sejamos constantemente extorquidas, humilhadas e nos obriguem a

MÉXICO

pagar supostas multas, às vezes com o próprio corpo”.

Porém, apesar dos benefícios econômicos que traria para os cofres públicos a legalização da prostituição, a decisão não pode ser tomada da noite para o dia, devido à pressão de grupos conservadores sobre as autoridades do Judiciário.

“Estes mesmo senhores que durante o dia nos repudiam, são os que à noite, quando os bares já estão a ponto de fechar, pedem uma dose mais e juram que vão nos tirar dessa vida e casar-se conosco, que somos a mulher de sua vida... Mas, quando voltam à sua vida normal, querem nos esmagar como se fôssemos baratas”, denuncia Claudia.

Apesar disso, as profissionais do sexo têm conseguido fazer com que a sociedade mexicana comece a entender que são seres humanos como qualquer outro e que, devido a diversas circunstâncias, optaram por ganhar a vida com o ofício mais antigo do mundo.

Claudia, como a maioria dessas profissionais, é mãe de família. Seu companheiro a abandonou com três filhos pequenos e não encontrou outra forma de sustentá-los. Começou a trabalhar em uma *terma* onde se ofereciam outros tipos de serviços aos clientes que o quisessem, “trabalhos” que na verdade eram responsáveis pela maior parte da sua renda.

Seus filhos, que atualmente a apóiam em tudo e inclusive a acompanham em algumas de suas palestras, têm uma vida normal, muito diferente da que levou sua mãe durante anos.

Claudia, que se denomina publicamente como “ex-trabalhadora sexual”, participa de congressos internacionais, além de representar suas companheiras perante as autoridades, que as respeitam pela clareza com que lida com a questão da Aids e da sua profissão.

Os ossos do ofício – A grande maioria das que se dedicam à prostituição escolhe esse caminho porque não tem qualificação para conseguir emprego com um salário minimamente decente. Porém, elas sabem o perigo que correm nas ruas.

Carmen, uma prostituta que trabalha numa *terma*, conta que há cerca

El Salvador: como um produto exposto numa prateleira, a prostituta Kelly, de 22 anos, se exhibe no cubículo que aluga para aumentar a clientela

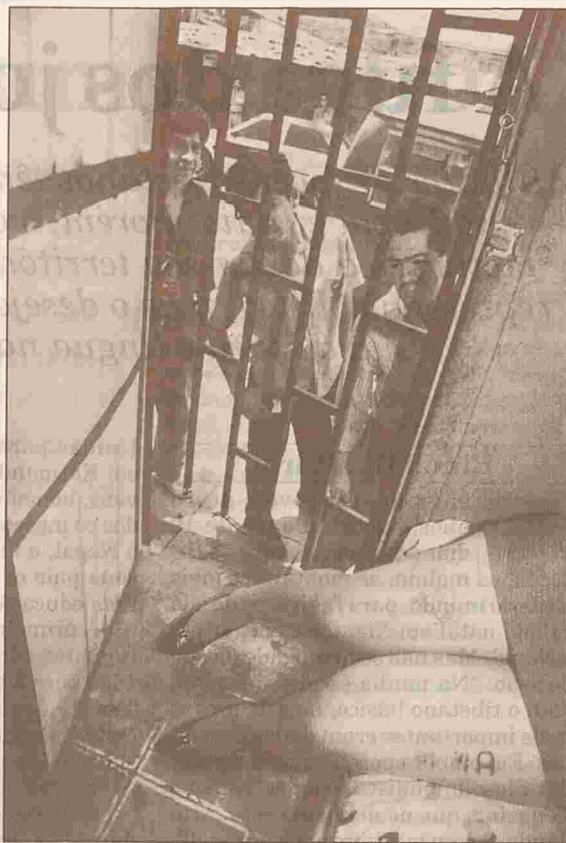
de um mês aceitou o convite de um cliente para passar o fim de semana em Acapulco. “Como minha família ignora minha profissão, pedi a outra colega que, se telefonassem da minha casa, dissesse que tinha surgido um trabalho inesperado. Mas o cara com quem eu viajei, depois de passar alguns dias numa *boa* comigo, tirou todo o meu dinheiro, jóias e até a minha roupa para que eu não pudesse sair do quarto e denunciá-lo. A única saída foi chamar uma amiga para que pagasse a conta do hotel e me leve as roupas.”

Mas outras garotas não conseguem se sair tão bem. Em diversas ocasiões têm surgido maníacos que as levam para hotéis baratos e as matam depois de ter relações sexuais. Há pouco tempo, um homem assassinou na capital mexicana três prostitutas e com o sangue das vítimas deixou escrito no espelho do quarto: “Voltarei”.

Trabalho com camisinha e sem bebida – As trabalhadoras sexuais negam que corrompam os menores “como insistem em afirmar”. Segundo elas, nunca em uma *boite* ou *terma* elas oferecem o seu corpo, e sim são os próprios clientes que se aproximam para perguntar preços e outros detalhes.

O trabalho dentro das *termas* é mais discreto e é difícil provar que as instalações, que a primeira vista parecem salas comuns, sirvam também para que se promovam encontros sexuais clandestinos.

“O exercício da prostituição, em geral, é ligado ao vício e a sociedade tende a pensar que somos alcoólatras, viciadas ou algo pior. Isso é mentira!



Uma alta porcentagem de nós nem bebe, só fingimos para agradar o cliente e, em geral, temos um acordo com os donos de bar para que nos sirvam apenas refrigerantes. Mas o cliente não sabe e paga como se nós dois estivéssemos consumindo bebida alcoólica”, conta outra trabalhadora sexual.

Além disso, as prostitutas estão deixando de ser um foco de transmissão de doenças, já que em função do surgimento da Aids no México, a maioria delas só trabalha com preservativos, segundo revelou um estudo elaborado pelo pesquisador Eduardo Vázquez Valls, da Unidade de Pesquisas Biomédicas do estado de Jalisco. O especialista comprovou que, em 1987, só 75% delas usavam camisinha, mas que em 1990 essa porcentagem saltou para 90%.

Porém, a antropóloga Martha Lamas relata que, quando consegue ter uma conversa franca com estas garotas, elas confessam que às vezes os clientes lhes oferecem um pouco mais de dinheiro para ter relações sexuais sem preservativos, o que muitas aceitam. ■

*Serviço de Notícias da Mulher (SEM)

TIBETE

A fuga dos jovens

Milhares de jovens tibetanos têm pedido asilo no Nepal e Índia. Porém, o que os tem motivado a deixar seu território não é só a repressão política, mas o desejo de aprender sua cultura e língua nativas

Binod Bhattarai

Tengzing, um jovem de 18 anos, suportou durante 12 dias os gelados ventos do Himalaia, as montanhas mais altas do mundo, para fugir a pé de sua cidade natal em Xigatse e chegar até o Nepal. Mas não se arrepende da sua decisão: "Na minha escola só ensinavam o tibetano básico, mas as provas mais importantes eram dadas em chinês. Fui embora porque queria aprender filosofia budista e inglês", afirma Tengzing, que no momento está estudando em um mosteiro em Katmandu, capital do Nepal.

O jovem conta que seus colegas chineses conseguiam melhores notas e tinham mais oportunidades de conseguir trabalho porque as autoridades que controlam seu país dão mais importância ao idioma chinês.

Ondas de refugiados—O escritório do Alto Comissariado das Nações

Unidas para os Refugiados (Acnur) em Katmandu calcula que até 300 jovens, homens e mulheres, cruzam todos os meses a fronteira tibetana com o Nepal, e muitos deles afirmam que seus pais os enviaram para receber uma educação adequada.

A primeira leva importante de refugiados atravessou o Himalaia em 1959 para fugir da ocupação chinesa do Tibete, que até então era um Estado teocrático. Cerca de 60 mil budistas, entre eles seu líder espiritual, o Dalai Lama, se asilaram na Índia ou Nepal.

A segunda onda de refugiados veio durante a chamada revolução cultural promovida pelo líder chinês Mao Zedong, em meados dos anos 60, quando mosteiros antigos foram destruídos e o governo reprimiu milhares de monges e monjas budistas.

Até 1990, os que eram descobertos tentando fugir para o Nepal eram entregues aos representantes do governo de Beijing (ex-Pequim) no Tibete. Porém, após as manifestações dos ne-

paleses em favor da democracia, realizadas naquele mesmo ano, o escritório do Acnur em Katmandu tem permissão de tramitar a saída dos refugiados para terceiros países. Segundo Tahir Ali, representante da agência da ONU na capital nepalesa, a maioria quer ir para a Índia e sua saída tem sido "consideravelmente ordenada".

Política de asilo—O governo nepalês, que além dos milhares de tibetanos já abriga em seu território 85 mil butaneses, se mantém firme em sua política de receber os refugiados apenas temporariamente. Porém, na prática se registra um crescente aumento no número de refugiados que se instalam próximo aos numerosos mosteiros budistas no Nepal.

No caso de Tengzing, sua vida como imigrante ilegal é uma constante fuga da polícia de imigração nepalesa. Porém, o jovem prefere isso à vida em sua terra natal. Ele conta que regressou ao Tibete há dois anos para buscar seus dois irmãos, um de 14 anos e outro de sete. Durante a viagem descobriu que a escola de sua aldeia fechou, depois que Beijing deixou de pagar os salários dos professores da língua tibetana.

O escritório do Dalai Lama na Índia calcula que atualmente haja seis mil jovens exilados estudando em 84 escolas do Nepal e Índia. Analistas da situação do Tibete no Nepal consideram possível que, após a última insurreição e conseqüente repressão dos nacionalistas tibetanos, em 1989, o governo chinês esteja despoando o território tibetano deliberadamente, ao dificultar-lhes o acesso ao estudo e ao mercado de trabalho.

Os exilados afirmam que Beijing tem estimulado chineses a se estabelecerem no Tibete, mediante estímulos como exceções na rígida política de controle da natalidade que permite a cada casal ter apenas um filho.

O governo chinês, por sua parte, garante que apenas tenta integrar a região ao resto do país e permitir que os tibetanos desfrutem do momento de prosperidade econômica que vive esta nação asiática. ■



Na Índia, refugiados tibetanos promovem protesto contra o governo chinês

Uma proeza e um desafio

Terry Bell*

Passada a fase inicial de euforia que marcou a posse do Governo de Unidade Nacional, já começam a se observar certas tensões na África do Sul. Mas, apesar de tudo, continua de pé essa singular criação política, filha de um acordo prévio para compartilhar o poder entre ex-inimigos mortais — um dos quais era o carcereiro e o outro, seu prisioneiro político—, agora integrantes do mesmo gabinete ministerial.

O que muitos não perceberam é que este Governo de Unidade Nacional não é uma coalizão e não é dirigido exclusivamente pelo Congresso Nacional Africano (CNA), o movimento anti-apartheid que obteve uma ampla vitória nas primeiras eleições multirraciais do país. Trata-se, na verdade, de uma predeterminada *fusão* entre o CNA, o conservador Partido Nacional (PN) — que foi seu duro e freqüentemente brutal adversário durante mais de 30 anos de proscricção e exílio — e o Inkhata, um partido sobre bases étnicas, em parte respaldado pelo PN.

O CNA é, obviamente, o integrante mais importante desse original Governo de Unidade Nacional (comumente designado pela sigla GNU), já que obteve 62,5% dos votos nas eleições de 27 de abril último. Mas o GNU não poderia funcionar sem consenso.

Apesar da sua esmagadora vitória eleitoral, o CNA não se limitou a convidar membros de outros partidos para integrar seu gabinete. Foi mais além: selou com o PN e o Inkhata um acordo para compartilhar com eles o poder sem levar em conta quantos votos tinham recebido nas urnas. Porém, os principais cargos no gabinete e na máquina do governo foram distribuídos proporcionalmente ao número de votos obtido por cada partido.

Embora essa receita, aparentemente, pudesse provocar a paralisia do governo, a realidade é que até agora funcionou. Mas deve ser dito que isso se deve aos esforços de um só ho-

Nos primeiros meses de governo, Nelson Mandela consegue a proeza de manter unida uma equipe governamental composta por forças muito diferentes



De Klerk, Mandela e Buthelezi: um governo de consenso

mem: o presidente Nelson Mandela.

O CNA tem mais cadeiras na Assembleia Nacional e no Senado, mas é Mandela quem controla os parlamentares do CNA. No final das contas, o que Mandela diz é o que o Parlamento decide.

Melhorias requerem investimentos — As argumentações de Mandela, de que a melhoria da qualidade de vida da população negra levará necessariamente algum tempo, têm sido em geral aceitas pelos sindicatos e funcionários regionais do CNA, aos quais, no entanto, custa muito trabalho convencer a base de que não realize ações no sentido de forçar esse ritmo.

Recentemente, num flagrante das contradições desse momento, enquanto milhares de moradores das zonas rurais continuavam se dirigindo aos centros urbanos, o ministro da Habi-

tação, Joe Slovo — dirigente do CNA e do Partido Comunista — ordenava as primeiras demolições de barracos construídos ilegalmente na periferia das superpovoadas cidades.

Embora esse governo mantenha um firme controle do país — não há nenhuma força extraparlamentar que represente um desafio real — a instabilidade social causada pela migração rural, o inchamento das cidades e a crescente pobreza têm sido um freio aos investimentos.

O problema é que, sem investimentos em grande escala, a África do Sul não será capaz de alcançar e manter os níveis de crescimento imprescindíveis para realizar as melhorias econômicas e sociais que a sociedade exige há muitas décadas.

As demandas da maioria negra — Desde que tomou posse, o primeiro governo sul-africano eleito democraticamente e sob a presidência de Nelson Mandela, apesar de todos os problemas, realizou uma proeza: manter unidos e em funcionamento uma equipe governamental formada pelas principais forças políticas do país, que são profundamente diferentes entre si.

Essa é uma obra de Mandela, que agora é freqüentemente visto pelos seus ex-inimigos com indisfarçável admiração. Porém, até o momento, ele não foi capaz de conseguir que um milagre semelhante ocorra na base popular.

As massas sindicais e as pessoas pobres das cidades, cujas rebeliões na década de 80 levaram às mudanças democráticas, continuam impacientes e inquietas, embora em geral continuam apoiando Mandela e o CNA. A questão é como fazer para manter esse apoio quando não é possível corresponder imediatamente às grandes expectativas da maioria da população. Este é o maior desafio que hoje enfrentam Mandela e o CNA. ■

* Terry Bell é o editor das publicações *The Southern Africa Exclusive* e *Africa Analysis* sediadas na Cidade do Cabo

IRLANDA DO NORTE

Manobras britânicas adiam processo de paz

O líder do Sinn Fein analisa os progressos obtidos a partir da trégua decretada pelo IRA e critica a hesitação do governo britânico em tomar medidas concretas para solucionar o conflito

Gerry Adams*

Em 31 de agosto, o Exército Republicano Irlandês (IRA) decidiu suspender suas atividades militares. Os governos de todo o mundo elogiaram a iniciativa e universalmente se reconheceram a oportunidade histórica de se alcançar a paz.

Na Irlanda — e especialmente na Irlanda nacionalista¹ — é palpável um sentimento de expectativa e confiança que tem sido reforçado depois das conversações que realizamos na casa de governo em Dublin com o primeiro-ministro irlandês, Albert Reynolds, e o líder do Partido Trabalhista britânico, John Hume.

Por sua vez, os unionistas² reagiram negativamente diante da suspensão das atividades militares, apesar de alguns indícios de pragmatismo no Partido Unionista de Ulster (UPP)³.

E o governo britânico? Tem se comportado como sempre fizeram em relação à questão da Irlanda. Tenho certeza de que amplos setores da opinião pública daquele país estão perplexos e decepcionados pela resposta do pri-



Belfast: os católicos da Irlanda do Norte comemoram o Cessar-fogo do IRA

IRLANDA DO NORTE

meiro-ministro britânico John Major: ele e seus ministros se limitaram a fazer jogos de palavras⁴.

Durante a primeira semana da suspensão de atividades militares, eu e outros porta-vozes do Sinn Fein nos preocupamos em esclarecer as dúvidas de Major acerca do significado do pronunciamento do IRA. Porém, apesar dos enormes esforços realizados por Reynolds, Hume, o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, o ministro irlandês das Relações Exteriores, Dick Spring e o vice-presidente dos Estados Unidos, Al Gore, o governo de Londres continua recorrendo a manobras para não negociar.

Cada vez que o Sinn Fein se dispõe a negociar baseado nas demandas britânicas, Major ou seus ministros mudam as exigências que eles mesmos haviam feito previamente.

Paradoxo - O Sinn Fein tinha consciência de que o governo britânico teria que preocupar-se em não ferir as suscetibilidades dos unionistas. Também sabíamos que Major enfrenta dificuldades de liderança e tem problemas com a direita de seu partido.

Não esqueçamos que na história do processo de paz a atitude do governo de Londres tem se caracterizado por responder com passos mínimos e hesitantes a todas as iniciativas que adotamos nós, os nacionalistas irlandeses. Aprendemos a ser pacientes, mas isso não significa que a postura britânica consiga nos ludibriar. Vemos com clareza as manobras táticas empregadas por altos funcionários britânicos, que perdem tempo com detalhes insignificantes ou recorrem a manobras para retardar esse processo.

Encontramo-nos diante do paradoxo de que durante três anos o governo britânico esteve mergulhado em prolongadas conversações com o Sinn Fein, enquanto continuavam as operações do IRA. Mas agora, depois que o IRA declarou a suspensão completa de suas

atividades militares, o governo britânico se nega a comprometer-se na construção do processo de paz.

A longa mão do MI-6 - É preciso recordar também a declaração dos esquadrões da morte unionistas que enumera uma série de condições, entre elas garantias constitucionais sobre a permanência da união da Irlanda do Norte à Grã-Bretanha.

Essa declaração recebeu o respaldo dos políticos e dos meios de comunicação que se opõem ao IRA. E foi seguida por uma bomba colocada na casa do vereador do Sinn Fein, John Hurl, em South Derry, e por outra bomba deixada na estação ferroviária de Connolly, em Dublin.

Muitas pessoas estão preocupadas diante da ameaça real que representam estes ataques. Também é um fator inquietante que os esquadrões da morte, que antes não tinham recursos, conhecimento nem capacidade para fazer bombas, rápida e misteriosamente tenham adquirido essa habilidade.

Dada a objetiva convivência entre as forças britânicas e os esquadrões



Gerry Adams, líder do Sinn Fein

da morte, muitos suspeitam que por trás dessas operações se oculta a mão do serviço de informação britânico (MI-6).

Vale lembrar que, depois dessas ações, ocorreu o incidente protagonizado na residência do primeiro-ministro britânico pelo líder do Partido Unionista, Ian Paisley, no mesmo dia em que os dirigentes nacionalistas irlandeses se reuniam em Dublin. A interpretação que se deu ao incidente foi de que o primeiro-ministro inglês expulsou Paisley porque este se recusou a aceitar sua palavra (Major lhe garantiu que não havia feito concessões políticas em troca da suspensão das atividades militares do IRA).

Enquanto, compreensivelmente, muitas pessoas estavam contentes de ver o contraste entre os encontros de Londres e de Dublin, e poucos sentiam pena de Paisley, eu considero que Major estava errado naquele episódio.

Não compartilho da posição de Paisley. Pelo contrário, me oponho terminantemente a essa mistura de fundamentalismo religioso-político que ele professa, mas também sou contra a que o governo britânico tente "satanizar" um setor de nosso povo.



Enterro de um membro do IRA: cena comum ao longo de quase três décadas de luta contra a ocupação britânica



Soldados britânicos montam guarda num reduto católico na cidade de Belfast

Apesar disso, temos percebido nos últimos tempos indícios de mudanças na posição do governo britânico. Sente-se isso, por exemplo, no levantamento da censura imposta contra os membros do Sinn Fein e na decisão de permitir a livre circulação nos 250 postos fronteiriços.

Embora sejam pequenos passos, nós os recebemos como um avanço por parte do governo de Londres. Mas Major deveria agora adotar outras medidas. É preciso acelerar o processo de desmilitarização da Irlanda do Norte, que é tão visível no sistema legal e judiciário, na presença do exército britânico e das patrulhas policiais nas ruas, nas torres de vigilância e quartéis.

Além disso, todas as vias de comunicação fronteiriças (entre a Irlanda do Norte e o Eire) devem ser imediatamente reabertas e deve-se pagar alguma compensação às comunidades cuja vida tenha sido afetada por esse conflito.

O eixo do processo de paz consiste em que se inicie um diálogo sem exclusões ou pré-condições e comecemos negociações de fato. O primeiro-ministro britânico não deveria dilatar por mais tempo esse avanço fundamental. Sua posição tem estado em contradição com a opinião pública nacional e internacional, que deseja o fim desse conflito.

Um plebiscito prematuro — John Major tem admitido que agora existem novas condições políticas em relação à questão irlandesa. Porém, defende um plebiscito nos seis condados, o que eu considero uma posição prematura e presunçosa.

Cabe lembrar que os seis condados constituem uma construção política artificial e manipulada de forma a garantir uma permanente maioria de votos para os unionistas². O governo britânico obstrui o progresso político ao pretender que aceitemos esta maioria artificial, que é tão antidemocrática quanto inaceitável.

Discutir as características de de-

veria ter o acordo, quando a busca de um acordo ainda nem começou, é algo prematuro. O procedimento apropriado consiste em que todas essas questões sejam temas de discussão em um processo de negociação amplo, que deveria começar o mais cedo possível. Para o Sinn Fein, o objetivo das negociações é substituir a jurisdição britânica pela jurisdição irlandesa, baseado em um acordo entre os próprios irlandeses.

Há muitos obstáculos no caminho em direção à paz. Em cada frente, os britânicos vão empurrando para depois a solução do problema. Apesar disso, o Sinn Fein continua comprometido em conseguir progressos. Há muito trabalho por realizar e boas razões para o otimismo. É necessário que a opinião pública internacional pressione para que se reparem as injustiças resultantes do longo domínio britânico na Irlanda do Norte.

Temos visto como a opinião pública internacional influiu positivamente na solução de conflitos em outros países e confiamos em que brevemente se porá fim à manipulação da informação mediante a qual a Grã-Bretanha ocultou a realidade de seu comportamento na Irlanda do Norte durante tantos anos. ■

*Gerry Adams é presidente do Sinn Fein, o braço político do Exército Republicano Irlandês (IRA), que luta contra o domínio britânico na Irlanda do Norte

¹Adams se refere à Irlanda do Norte, ou seja, aos seis condados ocupados pelos britânicos desde o século XII, região também conhecida por Ulster

²Unionistas: protestantes que vivem na Irlanda do Norte e defendem a manutenção da "união" com a Grã-Bretanha

³No dia 13 de outubro, a guerrilha protestante anunciou a suspensão das suas ações militares, "enquanto perdurar a trégua anunciada pelo IRA". O anúncio foi feito pelo Comando Monarquista Militar Combinado, que reúne os grupos terroristas Lutadores Livres do Ulster (UFF) e a Força Voluntária do Ulster (UFV)

⁴Adams se refere à exigência de Major de negociar a questão da Irlanda só depois de constar na declaração do IRA que a suspensão das suas atividades militares é "definitiva"

⁵A maioria da população da Irlanda do Norte (60%) é protestante e num plebiscito certamente aprovaria a manutenção do atual status quo, contra a vontade dos católicos (40%), que querem a integração ao Eire (Irlanda), independente há 70 anos



Albert Reynolds, primeiro-ministro da Irlanda